

A Arte na educação para a Compreensão da Cultura Visual

por Paulo Pires de Queiroz¹

A educação em arte possibilita o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências dos indivíduos. Tanto a arte como a educação, ambas se movimentam aparentemente sob posições ao mesmo tempo antagônicas ou confluente sob o prisma liberdade/norma. A arte é uma forma de conhecer e representar o universo. A educação organiza o conhecimento privado em relação às formas públicas de representar esse universo. Isso implica dizer que, por meio da arte na educação, pode ser possível associar duas formas de representar o mundo e, por isso, a necessidade de organizar uma aproximação entre os nexos de educação e de arte.

Com o objetivo de refletir sobre a arte na educação no sentido de favorecer a compreensão da cultura visual, esse artigo abordará questões pautadas nas seguintes proposições:

- a) à finalidade e à importância de “fazer arte” na escola;
- b) a relação entre enfoques formalistas e a importância do contexto cultural;
- c) a relação da arte com o restante do currículo.

A primeira proposição supõe enfrentar questões do tipo: qual é ou deveria ser a relação entre “fazer arte” e a história da arte? Utiliza-se a

prática da arte ou a história da arte para compreender as obras de arte? São ensinadas separadamente?

A segunda proposição nos leva à formulação de perguntas, tais como: a análise das obras de arte deveria ser proposta a partir de uma perspectiva formalista, destacando apenas os aspectos visuais, ou seus significados devem ser considerados em relação a seu contexto cultural? Esse contexto cultural deve referir-se a questões de localização e de circunstância ou deve estender-se ao que está “fora” da obra – relações de poder, formas de exclusão, questões relacionadas com a identidade, o gênero, os valores?

A terceira e última proposição nos leva a refletir sobre os temas das aulas de arte e se esses estão relacionados com outros temas de outras matérias curriculares. A arte está integrada a outras matérias, ou completamente separada?

Estas questões são fundamentais para situar a perspectiva de educação para a compreensão da cultura visual. Um currículo de arte que objetiva a compreensão dessa cultura pode ser concebido nos seguintes termos:

1. a prática artística e o conhecimento histórico da arte são campos de conhecimento intervinculados que favorecem a compreensão da cultura visual;

2. as representações artísticas refletem concepções culturais, das quais também fazem parte as questões formais;

3. o estudo da cultura visual tem início nos primeiros anos da escolarização básica e chega às instituições e aos novos mediadores virtuais;

4. o estudo da cultura visual mantém-se aberto em sua caracterização;

5. o conhecimento da cultura visual está relacionado às interpretações sobre a realidade e sobre como estas afetam a vida dos indivíduos;

6. um enfoque transdisciplinar dirige-se ao estudo da cultura visual e sua vinculação com outras áreas e temas do currículo;

7. o estudo da cultura visual não se esgota nos saberes tradicionais em relação à arte;

8. a cultura visual confronta os olhares sobre os objetos de caráter mediacional de diferentes épocas e culturas.

Esse desenho de relações traz no bojo de sua construção alguns dos atuais debates sobre o conteúdo da arte, as novas aproximações à história da arte, às mudanças na consideração da imagem e da representação visual, aos debates sobre os problemas e aos desafios que atualmente a educação escolar tem enfrentado e os novos “espaços” para a arte na educação na sociedade pós-moderna.

A Arte e a Escola

Partimos do pressuposto de que a arte não é resultado de um talento especial ou de uma forma particular de ver as coisas, mas é fruto de aprendizado sério que nos ensina como fazer e até ver, ouvir e ler obras de arte. Sem esse aprendizado a arte ficaria reduzida ao universo particular e individual de cada um.

O nosso aprendizado artístico e o desenvolvimento da sensibilidade se iniciam quando ainda somos crianças, junto à nossa família, quando entramos em contato com certo gosto que se traduz na forma de dispor os moveis e objetos de nossas casas, com a preferência por determinadas cores ou por certo tipo de música. Tudo isso faz parte do universo cultural de nossos pais, da família em meio à qual crescemos. Aprendemos a valorizar certas linguagens ou formas de expressão pelas quais comunicamos idéias e sentimentos. Essas linguagens estão diretamente relacionadas com a nossa nacionalidade, origem e classe social.

O filósofo francês Gaston Bachelard analisou esse mundo de valores e hábitos que levamos para a vida adulta. Em seu livro *A poética do espaço*, ele diz: "... a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo". Naturalmente que aos poucos, vamos ampliando essas referências.

No decorrer de nosso desenvolvimento, passamos a conviver com os amigos e com a escola, onde travamos os primeiros contatos com nossas aptidões e vocações. Começamos a definir talentos e gostos e vamos firmando nossa personalidade. Mas, à medida que nos tornamos adultos, sentimos necessidade de nos diferenciarmos desse universo infantil. Procuramos então renovar padrões que nos pareciam tão estáveis. Esse é um dos fatores que levam à constante renovação dos princípios estéticos: a necessidade de novas gerações abandonarem os modelos tradicionais e criarem outros, mais adaptados e atualizados.

O mundo contemporâneo vem sendo invadido mais e mais, a cada dia, "pela imagem". Vivemos hoje o "paradigma da imagem" e de variadas resoluções estéticas. Do levantamento de hipóteses à análise das diferentes soluções estéticas encontradas por cada sujeito em seu ato criador, nossos olhos vão se aperfeiçoando, até mesmo se sofisticando, de forma a entender e sentir a existência de tantas formas possíveis de expressão e de representação. O olhar vai se tornando, assim, mais apurado, mais crítico, atento e mais sensível.

O trabalho com Artes Plásticas na escola pode se desenvolver muito bem próximo dos anseios dos nossos alunos, quando se propõe a capacitá-los a "desembaraçar os óculos"

e verificar quantas e em que situações diferentes a arte já se faz presente em suas vidas. Como nas demais áreas do conhecimento, também as Artes Plásticas tem objetivos específicos que precisam ser trabalhados e estes, por sua própria natureza, favorecem uma integração de conteúdos e conceitos com as outras áreas, com a própria vida. As cores e as formas, bem como as opacidades, as transparências, as simetrias... fazem parte do meio-ambiente em que vivemos e nem sempre as enxergamos. Portanto, é necessário que não se limita o trabalho com Artes Plásticas na escola às aplicações de técnicas e exercícios. O educador deve promover oportunidades de encontro de cada aluno com si próprio, com o outro e com o mundo que o cerca, através de uma outra linguagem, que favoreça múltiplas formas de ser, dizer e sentir, expressar-se e de representar o mundo à sua forma.

O trabalho com Artes na escola deve favorecer o fazer artísticos pleno e, aí, devem estar incluídos a produção e a apreciação de diferentes trabalhos artísticos. É importante que os alunos desenvolvam aquele olhar plural e, sem cerimônia, em relação à arte. É preciso que se sintam capazes de produzir, conhecer e apreciar arte, de desenvolver sua sensibilidade, de conhecer a história da arte e a história da vida dos artistas, cada um em seu tempo e lugar, para com-

preenderem a multiplicidade de manifestações artísticas e culturais existentes.

Nesse sentido, não é necessário nenhum recurso mirabolante, nem tampouco, nenhum cenário especial. A sala de aula pode e deve ser um espaço privilegiado para o exercício de um viver ativo e criativo, de um fazer artístico permanente. É preciso convidar os alunos para que façam arte, descobrindo diferentes combinações, arranjos e permutações entre os materiais existentes e disponíveis, criando novos recursos e alternativas de utilização, a partir da valorização de qualidade estéticas em materiais não convencionais, considerando suas reais condições de vida, de seus professores e da comunidade escolar como um todo.

Enfim, as linguagens artísticas permeiam todas as áreas do saber e precisam ter seu valor reconhecido, como mais uma forma de expressão e de linguagem, tão importante e necessária quanto todas as outras. A arte precisa se mostrar significativa para educadores e alunos, através das experimentações, do fazer e do re-fetir artístico, partindo do contexto cultural e histórico daquele grupo e chegando a outros diferentes contextos.

A Arte e a Cultura

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em quantidades

inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, idéias e qualidades. Por isso o estudo das visualidades pode ser integrado nos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente.

Nesse sentido, pensamos que a análise das obras de arte não deveria ser proposta a partir de uma perspectiva formalista, destacando apenas os aspectos visuais. Acreditamos que seus significados devem ser considerados em relação a seu contexto cultural. Esse contexto cultural deve referir-se a questões de localização e de circunstância, como também estender-se ao que esta “fora” da obra – relações de poder, formas de exclusão, questões relacionadas com a identidade, o gênero, os valores.

A educação em Artes requer trabalho continuamente informado sobre conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto, a escola e a cultura devem colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção,

imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal.

Criar e perceber formas visuais implica trabalhar frequentemente com as relações entre os elementos que as compõem, tais como ponto, linha, plano, cor, luz, movimento e ritmo. As articulações desses elementos na imagem dão origem à configuração de códigos que se transformam ao longo dos tempos. Tais normas de formação das imagens podem ser assimiladas pelos alunos como conhecimento e aplicação prática recriadora e atualizada em seus trabalhos, conforme seus projetos demandem e sua sensibilidade e condições de concretizá-los permitam. Os alunos também criam suas poéticas onde geram códigos pessoais.

A nossa noção de cultura visual corresponde às mudanças nas noções de arte, cultura, imagem, história e educação produzidas nas últimas décadas e esta vinculada à noção de “mediação” de representações, valores e identidades. A educação da cultura visual, assim apresentada, participa da tarefa que Debray (2006) atribui como objeto de estudo da Medialogia, ou seja, “a disciplina que tem por tarefa explorar as vias e os meios da eficácia simbólica”, centrando-se, portanto, no papel mediacional dos meios (os objetos artísticos serão alguns entre outros objetos e artefatos do universo visual).

Entendemos que, diante da cultura visual, não há receptores nem leitores, mas construtores e intérpretes na medida em que a apropriação não é passiva nem dependente, mas interativa e de acordo com as experiências que cada indivíduo tenha experimentado fora da escola. Daí a importância, a posição de ponte que a cultura visual exerce: *como campo de saberes que permite conectar e relacionar para compreender e aprender, para transferir o universo visual de fora da escola (do aparelho de vídeo, do computador, dos vídeosclipes, das capas de CD, da publicidade, até a moda e o ciberespaço) com a aprendizagem de estratégia para decodificá-lo, reinterpretá-lo e transformá-lo na escola.*

Entretanto, a educação visual deve considerar a complexidade de uma proposta educacional que leve em conta as possibilidades e os modos de os alunos transformarem seus conhecimentos em arte, ou seja, o modo como aprendem, criam e se desenvolve nessa área.

Contudo, pensamos que as Artes como produto cultural e histórico deva atentar-se para: a) a observação, estudo e compreensão de diferentes obras artísticas, na mais rica diversidade e pluralidade cultural, bem como contemplar artistas e movimentos artísticos produzidos em diversas culturas (regional, nacional e

internacional) e em diferentes tempos da história; b) o reconhecimento da importância das artes visuais na sociedade e na vida dos indivíduos; c) a identificação de produtores em artes como agentes sociais de diferentes culturas: aspectos de vidas e alguns produtos artísticos; d) pesquisa e frequência junto das fontes vivas (artistas) e obras para reconhecimento e reflexão sobre a arte presente no entorno; e) reconhecimento e valorização social da organização de sistemas para a documentação, preservação e divulgação de bens culturais e f) elaboração de registros pessoais para sistematização e assimilação das experiências com formas visuais, informantes, narradores e fontes de informação.

Para desfecharmos esse momento da reflexão, é pertinente lembrar que é fundamental o papel das instituições no estudo da cultura visual, isto por serem fatores que a facilitam e a controlam. O mesmo acontece com relações econômicas que se produzem em torno da cultura visual. Tudo isso faz com que o estudo dessa cultura nos seja apresentado como um campo móvel, que, tanto do ponto de vista das representações como das tecnologias da informação e da comunicação, vão tornando obsoletas determinadas aproximações, ao mesmo tempo que cobrem e expandem o "conteúdo" das diferentes produções que cada dia se incorporam

ao campo que denominamos cultura visual. Uma cultura visual existe, ao mesmo tempo, dentro e fora de cada um de nós. Vem daí a necessidade da aproximação à existência material dos objetos e ao seu impacto e recepção ótica, cognitiva e emocional.

A Arte e o Currículo

Ao longo da história da educação brasileira, desde os jesuítas até a burguesia leiga, os currículos têm se transformado em uma espécie de couraça ideológica, parecendo querer formar gerações docilizadas, subservientes, despolitizadas e alienadas. Não é por acaso que temos introjetada em nossa mentalidade uma certa incapacidade para filosofar, para criticar, para o exercício do pensamento divergente (no caso da arte), para exercer um fazer artístico mais pleno e consciente.

De qualquer forma, sempre será necessário reorganizar cada trajetória curricular que se estabeleça em diálogo com o que acontece nas diferentes experiências de sala de aula, da escola e de fora dela. Nesse sentido, uma das possibilidades de se organizar o conhecimento escolar é uma construção curricular baseada nos interesses e necessidades dos alunos e na relevância social do conhecimento.

A escola tem privilegiado os processos racionais (cognitivos) em detrimento

dos processos sensíveis, bipolarizando o conhecimento e o próprio ser humano. Instalaram-se na escola, através de um processo curricular oculto, rituais de domesticação, coercitivos e reprodutores das desigualdades sociais. O currículo oculto esta intimamente ligado ao autoritarismo à medida que, não se estabelecendo na discussão com os grupos que compõem a comunidade escolar, as normas, regras e rituais voltam-se para a construção da subserviência.

Entretanto, Peter Maclarem em *Rituais na Escola* (1996), chama a atenção para o fato de que o ritual deve ser compreendido como “produção cultural”. Todo o processo de sonegação cultural do conhecimento “erudito” e o desrespeito para com as culturas das minorias vem sendo uma das mais fortes vertentes no processo de educação escolar de tendência idealista liberal. O que assistimos nas escolas são os rituais mecânicos, baseados em uma concepção de conhecimento fragmentada, artificial e excludente, valorizando a pluralidade cultural como forma de disfarçar as desigualdades sócio culturais.

Pensamos que seja de relevada importância compreender que a sociedade não se compõe apenas dos grupos hegemônicos, o que equivale dizer que os conhecimentos não são apenas dominantes, ou seja, todas as formas de cultura

elaboram conhecimentos, mesmo que estes, muitas vezes, estejam impregnados de valores elitistas. Ainda assim, essa compreensão é importante para realização da passagem do senso comum à consciência crítica. Sendo um pressuposto que aparentemente se apresenta como único, a multiculturalidade é, de fato, extremamente complexa, pois temos que considerar as diversas facetas das culturas minoritárias e das culturas dominantes de nossa sociedade em uma relação dialética, tendo a escola como palco de negociações.

Todos os rituais presentes e propostos no currículo oculto, assim como a questão do diagnóstico de várias culturas coexistentes na sociedade, devem ser pressupostos fundamentais na elaboração de uma proposta curricular que se pretenda transformadora. Sendo assim, colocamos como pressuposto básico, sem hierarquizações, a questão da relação entre processos cognitivos e processos sensíveis – “processos sensíveis cognitivos”.

Outro pressuposto fundamental é o comprometimento do professor para e com a sociedade que estamos a vivenciar: seu papel é vital como um dos componentes do processo de transformação e reconstrução crítica/criativa de uma sociedade que necessita atualizar-se científica e tecnologicamente sem perder de vista o ser humano, seu

imaginário, a arte, seu prazer, suas infinitas possibilidades de reinventar a vida e o amor para além do autoritarismo.

Trazer a arte para o cotidiano da escola sem perder de vista a relação dialética entre a entrega (processos sensíveis emocionais e sociais) e a disciplina (processos sensíveis cognitivos): eis o desafio do professor de arte numa proposta curricular dessa natureza. O professor não pode esquecer a função social que possui a arte em transgredir padrões impostos e retrógrados, tão comuns em alguns segmentos da educação escolar. É tarefa difícil, pois exige um aprofundamento conceitual e uma postura política em relação a sua contribuição para a sociedade. Claro que não se quer dizer com isso que através do ensino e aprendizagem da arte a sociedade se transformará, pois seria simplista, incorrendo no erro de idealizar esse ensino.

Buscar entender a arte e a organização do conhecimento escolar a partir da compreensão de uma construção curricular baseada nos interesses e necessidades dos alunos e na relevância social do conhecimento, implica entender que a interdependência, o inter-relacionamento do sentir/ pensar/ fazer arte não pode se limitar à especialização a que o homem atual submeteu-se. Dessa forma, busca-se uma concepção de arte que num primeiro plano não

reitera a realidade cotidiana de modo factual, como mera repetição, reprodução ou imitação do real, como propõem os idealistas. Ao contrário, tal concepção de arte busca no inter-relacionamento das diversas linguagens e símbolos a reelaboração que transcende o estabelecido e propõe novas conquistas, novas possibilidades imaginativas, simbólicas e emancipatórias.

Entretanto, ao pensar um currículo nessas bases, esse processo de conhecimento não evolui linearmente, cumulativamente ou mecanicamente. O aluno adquire no espaço da educação escolar a chance de construir novos conhecimentos e reinventar seu cotidiano por meio da arte – apropriação de saberes através do exercício crítico e criativo. A arte e seu ensino favorecem também a construção de conceitos metafóricos, não-lineares, através do discurso aberto – verbal e não-verbal. Pelos caminhos do lúdico, do onírico e da arte, o aluno aprende a dar seus próprios passos; oportunidade psicológica, pedagógica e social de reinventar seu cotidiano de forma autônoma e prazerosa, pois assim é mais dono de sua própria vivência afetiva e intelectual – experimento, pesquisa, tentativa e erro.

Enfim, o que se quer é o ensino de arte de qualidade como um ato político que precisa ser efetivado. Ou seja, o ensino de arte no âmbito da

educação escolar deve garantir para todos o acesso a conteúdos vivos e concretos ligados às realidades sociais e suas tradições.

Considerações finais

O estudo da cultura visual é caracterizado pelo trânsito que produz entre a cultura das certezas – que caracteriza o pensamento da modernidade e que tem seu fundamento nas propostas da ilustração (onde se localiza a origem da instituição e do conhecimento escolar tal como, em boa parte, continua vigente) – e a cultura da incerteza, num momento da história da humanidade em que os sistemas de crenças morais, religiosas e ideológicas são diversas, plurais e em constante fluxo.

Tanto a arte quanto a ciência são produtos que expressam as representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana. Essa discussão interessa particularmente ao campo da educação, que manifesta uma necessidade de formular novos paradigmas que evitem a oposição entre arte e ciência, para fazer frente às transformações políticas, sociais e tecnocientíficas que permeiam o ser humano do século XXI.

Aprender arte é desenvolver um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações

significativas que o aluno realiza com aqueles que trazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem, com fontes de informação e com seu próprio percurso de criador.

Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno, significa, então, não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias.

O grande desafio do educador a ser enfrentado em sua sala de aula consiste em comprometer-se com as imagens e a tecnologia do mundo pós-moderno sem rejeitar a análise cultural, o juízo moral e a reflexão que as imagens ameaçam suplantarem na atualidade.

Enfim, as imagens são mediadoras de valores culturais e contêm metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual ■

NOTAS:

1 Professor Adjunto na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
DEBRAY, R. Vida y muerte de las imágenes. Paidós: Barcelona, 2006.
MACLAREM, Peter. Rituais na escola. Petropolis: Vozes, 1996.